

AUTORES

ARTUR PORTELA

atormentado e sofredor, pode dizer uma personagem.
 Há nestas figuras uma densa humanidade a ressaltar numa atmosfera poética. Uma humanidade cheia de feridas e mutilações a que o degelo vem trazer alguma luz. Este livro corre até o risco de parecer uma obra romântica, ao que consegue fugir pela técnica de construção, a economia de linhas que organizam e pela problemática subjacente na intriga amorosa.

Tradução de Juliane Haerdter. Capa de António Sena da Silva, e Sebastião Rodrigues. Coleção Sucessos Literários.

«ISABEL»

de André Gide

A excepção das minhas *Nouritures*, todos os meus livros são livros ímicos, são livros de uma certa tendência mística; *Isabelle* é a crítica de uma certa forma de imaginação romântica; *La symphonie pastorale*, de uma forma de mentira a si mesmo; *L'immoraliste*, de uma forma de individualismo. Estas palavras de André Gide situam e definem algumas das suas obras mais importantes.

Na verdade «Isabel», agora traduzida para português é uma obra de superior ironia, quase imperceptível e no entanto presente e viva, que atinge uma espécie de mentalidade romântica. Com uma serenidade e uma claridade de estilo admiráveis, uma inteligência e uma lucidez espantosas, Gide conta-nos a sua história sem ênfase e desvios. Num clima de uma cor própria e incomparável aguçamos algumas figuras de um perfil interessantíssimo, cujo pitoresco não apaga a interioridade.

Tradução de João Pedro de Andrade. Capa de Paulo-Guilherme. Estudos Cor.

Truman Capote

(Continuação da página anterior) meu truco nesse meio de expressão. Por controle entendo o facto de dominar a materialidade do assunto por um certo nível de estilo e de emoção. Quando dizem que sou um precioso, é-me perdidamente indiferente; mas penso que se pode estragar uma novela pelo simples facto de perder o ritmo dum frase — especialmente perto do fim da história — ou cometendo um erro na divisão dos parágrafos. Henry James é o mestre do ponto e vírgula. Hemingway é um construtor de parágrafos de primeira força. Do ponto de vista auditivo, Virginia Woolf nunca escreveu uma frase que soasse falsa.

A técnica da novela

O único truco para perfeição a técnica é, que eu saiba, o trabalho. Exactamente como a pintura ou a música, a literatura tem as suas leis de perspectiva e de claro-escuro. Seria óptimo senti-las desde a nascença. Caso contrário impõe-se aprendê-las em função do seu próprio temperamento. O próprio Joyce, o mais desdenhoso dos escritores, era um hábil artefice.

Gosto de reler o que escrevi

Gosto de reler o que escrevi, há muito. Por exemplo, relei no passado verão o meu romance **OUTRAS**

Completa das obras de **RIBEIRO**
ENIGNA
 editada «Antecipação»
 35\$00
 numerados e rubricados
 ilustrações de Lima 115\$00

Caposa — A Casa Grande de Romanez Mil — O Malhadinhas
ES DE ASSINATURA DAS OBRAS
QUILINO RIBEIRO
BERTRAND

CAMINHOS

José Bandeira, de Lisboa, envia-nos alguns poemas e um conto. Parece-nos que é na poesia que se encontra a sua autêntica vocação. Tem ritmo, uma certa elegância musical, e mesmo uma problemática séria, que deve desenvolver e aprofundar. O seu quietismo, um tudo nada pessimista, é sentido e exposto com elevação.

Ímvel, quieto, como um tronco ao longo dos séculos sem séculos [Sol]

Como um tronco, sem ter tempo [nem face, e viver. Como um tronco solitário no meio dos outros. E ser vivo, igual, ser todo em si, mas não ser vivo, ao longo dos séculos sem séculos [Sol]

Fico, parado, sem importar [comber. Havendo, como se haver não houvesse. Hoje, sem hoje ser. Assim tal, quieto. [Sol]

João M. Pereira, de Lisboa, revela uma técnica de contista já bastante desenvolvida, embora a sua linguagem seja ainda insuficiente para conter e totalmente exprimir toda a gama de emoções que afloram nas suas personagens. O seu «diálogo» está bem construído, com simplicidade de processos e uma certa sutileza mental.

DIÁLOGOS SOBRE UM LIVRO

— Vou escrever um livro.
 — Acha que valerá a pena?
 — Não sei. Escrevo apenas por sentir necessidade de o fazer. Talvez ninguém o leia...
 — Como acaba?
 — Por que perguntas como acaba sem querer saber do que trata?
 — E' sempre o fim o que mais interessa. De resto, o assunto é sempre o mesmo.
 — Pois o meu assunto é diferente...
 — Então tens razão, ninguém o lerá. Qual é o teu assunto?
 — O Homem...
 — E' com efeito, um assunto novo! E consegues mesmo dar um fim ao teu livro?
 — Não, o meu livro não terá fim.
 — Como e vai, então, publicar?
 — No momento culminante, suspendo a acção e deixo algumas páginas em branco para que cada leitor complete o romance como melhor lhe parecer...
 — E tu próprio, como o acabarias?
 — Isso só a mim, interessa. A ti só poderá interessar como «tus o acabarias».
 — Estás enganado. O que interessaria era que cada um pudesse saber e compreender, o fim que todos os outros lhe dariam.
 — Isso seria terrível...
 — Sim, mas talvez fosse o princípio!
 — De quê?
 — De outro livro.
 — E quem o escreveria?
 — Homens, de assuntos passaria a outros...
 — E qual o novo assunto?
 — O Amor!
 — Acha que esse já poderia ter um fim?
 — Esse duraria enquanto durasse o homem...
 — Parece-te, então, que o meu livro será susceptível de ter alguma utilidade?
 — Sim, talvez, se encontráres editor...
 — E porque não?
 — O teu livro é uma obra perigosa...
 — Exageras...
 — Não, porque através dele o Homem saberá qual o preço que terá de pagar para que o segundo livro possa ser escrito.
 — Julgas que alguém se recusará a pagá-lo?
 — E' mais cómodo, muitas vezes, não amar...
 — Sim, talvez o meu livro seja efectivamente perigoso, para alguns...
 — A menos que o mutilasses da sua parte mais importante.
 — Qual?
 — As páginas em branco...
 JOÃO M. PEREIRA

Tradução de Octávio Alves. Capa de Sebastião Alves. Coleção Século XX. Publicações Europa-América.



OS ARTISTAS, pintura de Edgar Tytgat

OS NOSSOS CONTOS

(Continuação da página anterior)

para um «court» de ténis. Nós os dois não jogámos, eu e o colega de aulas; fizemos «gracinhas» em dizer que nos havíamos deitado tarde e que, de desporto, preferíamos o almoço-surpresa que nos reservaram nas malas dos carros.
 — Você tem má colocação! — gritava o meu colega, divertindo-se, talvez fingindo divertir-se.
 — Venha você jogar na minha vez...
 — E as bolas, pá, pá, pá, de um lado a outro, ar rasando as malhas das redes, e o sol a cair a pino, no zenite, avisando a hora do almoço.
 O almoço foi num pinhal. Não interessa descrever as sanduiches. Talvez mesmo não valesse a pena escrever isto. Mas eu sinto hoje uma necessidade imperativa de escrever, de desabafar, de riscar papel virgem, de, finalmente, encher este lapso de tempo, á busca do tempo perdido, que me dará mais uma sugestão para um real sentido da vida.

Não importa, pois, descrever as sanduiches nem passar ao papel determinadas «pidinhas» de falso «Saint Germain des Prés» entre Areeiro e Alvalade, com muito livro e filme americano á mistura. Imitações em quinta mão daquele último filme da actriz não sei qual sobre Paris, de que todos se recordam bem.
 — A' piscina, ou á praia?
 — Piscina.
 — Praia.
 — Piscina.

Quem propôs «piscina» ganhou. Eu não sei o que propus, melhor, o que disse, naturalmente atrás de qualquer outra voz, muito vagamente por estimativa.
 E' domingo —, poderia aqui aplicar-se a frase feita nos horários de comboios: «Domingos e dias feriados» —, e está a piscina cheia de gente a mais heterogénea. A água, no entanto, tem bastante cloro e há no terraco, e lateralmente, espaço vital com suficiéncia. O que importa, agora, é precisamente a conversa com uma das «misses»: a «miss» não sei o quê.
 — Você é um individuo... triste, com tendências para o masoquismo.
 «Buena-dicha». Filosofia de «o que revelam as linhas de sua mão».
 — Sim, parece que tem razão.
 — Tinha sempre razão «nessas coisas». «Por acaso» era «uma coisa» em que não falhava. Olhava apenas as pessoas e...

— Até apostou, se for preciso. Nas calmas.
 De qualquer modo era preferível a «buena-dicha», a estar para ali a ver rapaziños a bater de papo na água em mergulhos mal dados, ora «bikinis» descobrindo —, e logo esses os de «bikinis» —, corpos a pedir o monte de talgetos.
 Passou uma loira. As loiras... Bom; mas era, esteticamente, impressiva.

— Claro que, apesar de triste, não quer dizer que o Mundo não me agrade, certo mundo —, apontei a loira —, a certas horas.
 Decepçoni a «miss não sei o quê», que estava trocando comigo uma conversa muito elevada.
 — Deixemos agora as superficialidades. Você nunca foi acarinhado por «ninguém»?
 — Mentil. «Ela», na carteira, no coração, em mim.
 — Hei-de apresentar-lhe algumas pessoas. Uma pequena sei que vai gostar de si. Ou melhor, você é que a há-de achar. E' preciso que assim seja. Sem o «coup-de-foudre» não é possível uma paixão segura.
 Quando voltávamos a casa, num dos carros, atrás, já a «miss não sei quê» no meio de mim e do meu colega, por exigéncia dela. Tomou as mãos de um e de outro e explicou:

— Para se estabelecer a «corrente de simpatia». Só assim pode haver camaradagem firme.
 Eu estava indiferente como os vidros do carro perante a paisagem. «Miss não sei o quê» notou-o, decerto. O completou:

— O que não obsta a que na mão direita vá apenas camaradagem. Camaradas. E que na mão esquerda vá ternura. A's vezes, pela ternura também se chega ao amor. Mas, primeiro, deve ter havido algo que, mesmo que o não tenha parecido, foi «coup-de-foudre».
 — Eu e os vidros, indiferentes. Ia para dizer, apesar de tudo, que «miss não sei o quê» estava a perder o seu tempo. Tempo perdido. Tal como o seria se eu me preocupasse com redarguir. Aquilo era um grão de areia no vidro do carro. Apenas isso. Um grão que deslizo. Que me importava que fosse eu o fulano sentado á mão direita?
 E á despedida, como a vida me ensinou, dei-lhe um «muito prazer» sorridente, sem em mim vestígios de prazer ou desprezo, mas com muitos dentes á mostra.

JOSE' DE MELO

DINHEIRO
 COLOCA SOBRE AUTOMÓVEIS
 OU PRÉDIOS EM 1.ª HIPOTECAS
 RAPIDEZ E SIGILO
A FINANCIADORA
 EM LISBOA - AV. DA LIBERDADE, 3
 NO PORTO - P. DA LIBERDADE, 12